

(5) Estava-se longe, ainda, da "queda do muro de Berlim" e de todas as mudanças ocorridas no Leste europeu em 1989.

(6) Em 1980.

(7) Repito: estávamos em 1980, iniciando, portanto, a penúltima década.

(8) Cito aqui apenas duas teses, cuja recensão acabo de ler: a de CLAUDEL, G., "La confession de Pierre: trajectoire d'une péripécie évangélique" (EBib n.10) Paris Gabalda, 1988, recenseada por MONTAGUE, G. T. in CBQ 1990, n.4, p. 740-741; e a de CARAGOUNIS, Ch. C., "Peter and the Rock" (BZNW 58) Berlim — New York, W. de Gruyter, 1990, recenseada pelo cit. CLAUDEL, G. in *Biblica* 1990, n. 4, p. 570-576.

(9) Ou, como sintetiza CLAUDEL, G., já citado na Nota anterior: "Acentuo que, mesmo em correntes eclesiais que não lhe são incondicionalmente favoráveis, reconhece-se a Pedro um certo papel de hipotecário que vem sancionar a validade de uma decisão ou iniciativa. Assim, é Paulo subindo a Jerusalém após seu primeiro ministério (Gl 1, 18; 2, 2); é a aparição do Ressuscitado a Simão convalidando a experiência pascal de Cléofas e seu companheiro de Emaús (Lc 24, 34); nos Atos, é Pedro convalidando uma abertura aos pagãos (At 15, 7-11) da qual foi ele o iniciador constrangido pelo Espírito (At 10, 1-11, 18); em João, apesar do papel carismático outorgado ao Discípulo Amado, é Pedro o porta-voz, como em Mt 16,6, da fé apostólica (Jo 6, 68-69) e, como em Mt 16, 18, plenipotenciário testamental de Jesus (Jo 21, 15-18)". . . cf. *ibid.* p. 574-575.

(10) Cf. BONNARD, P., "L'Évangile selon St Matthieu", 2ª ed., Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1970, p. 245.

(11) Cf. ALBRIGHT, W. F. e MANN, C. S., "Matthew", col. Anchor Bible, Doubleday, Garden City, N. York, 1971, p. 195.

(12) Cf. MALDONADO, Comentário a S. Mateus, trad. espanhola in BAC, Madrid, 1956, p. 581.

(13) Cit. por CLAUDEL, G., na recensão cit. in *Biblica*, 1990, n. 4, p. 571-572.

(14) *Id.*, *ibid.*, p. 571.

(15) *Id.*, *ibid.*

(16) Cf. MONTAGUE, G. T. na recensão cit. in CBQ 1990, n. 4, p. 740.

(17) Citação de AGOSTINHO: "Não foi apenas um homem, Pedro, que recebeu as chaves do Reino, mas a Igreja toda. Quando Cristo disse 'Eu te entrego as chaves', estava entregando as chaves a todos" (cf. ML 38, 1349, cit. em DE SOUZA, R. C., "Palavra, Parábola — uma aventura no mundo da linguagem", Ed. Santuário, Aparecida, SP, 1990, p. 250).

(18) Cit. na Nota anterior, e do qual, aliás, saiu uma recensão totalmente desfavorável de BETTENCOURT, E. in "Pergunte e Responderemos", n. 341, outubro de 1990, p. 455-462. BETTENCOURT mostra, a meu ver convincentemente, a falácia do método etimológico, quando não leva em conta o processo semântico.

(19) Cf., p. ex., a argumentação de BRUCE, F. F. em seu excelente comentário a João na "Série Cultura Bíblica" das Ed. Vida Nova, SP, 1987, p. 344-345 e, mais pormenorizadamente, BROWN, R. E. no seu

"The Gospel according to John", vol. II, Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1970, p. 1102-1105.

(20) MATEOS/BARRETO, porém, em seu grande comentário sobre "O Evangelho de S. João", Ed. Paulinas, SP, 1989 (trad.), p. 870-881, fazem interessantes ponderações, também a partir das nuances do vocabulário, enriquecendo sobremaneira a compreensão do texto. Não dizem, porém, uma palavra sobre o ministério petrino do Papa, o que, num comentário católico, é de estranhar.

(21) Aliás, na mesma carta, no c. 2, 25, depois de referir-se ao sofrimento redentor de Jesus, Pedro já o havia designado como "o Pastor", e também "o Bispo" (supervisor, guardião!) da Igreja (1 Pd 2, 25). Isto não o impede de, sob e com o Pastor supremo, considerar-se também, ele, Pedro, pastor: cf. a citada passagem do c. 5, 1-4.

(22) Por isso, não sei bem onde quer chegar um estudo como o do último número da "Revista de Cultura Vozes" (jan. — fev. de 1991), intitulado "A Igreja e o exercício do poder". Embora o editorial diga que é "a fidelidade ao ideal evangélico de comunidade que espicaça e impele a rever o exercício do poder sacro", e diga também que "o amor ao Evangelho e à Igreja. . . pervadiu a todos nessa iniciativa", a saber, a de "criar uma entidade de defesa dos direitos do povo de Deus e de promoção da democracia eclesial", confesso que a impressão, ao folhear a revista, foi de mal-estar. Não dá para entrar em detalhes, porém, nesta Nota. O corpo do meu artigo exprime suficientemente o que penso.

(23) Cf. BONNARD, P., "L'Évangile selon St Matthieu", Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1970, p. 245; e, de forma semelhante, o anglicano TASKER, R. V. G., in "Mateus, Introd. e Comentário", da "Série Cultura Bíblica", Ed. Vida Nova, SP, 1980, p. 126-127.

(24) A propósito, cf. a maneira serena como expõe o fato desta e de outras divergências de interpretação a "Tradução Ecumênica da Bíblia", TEB (versão brasileira da TOB, Ed. Du Cerf, Paris, 1972 o NT, 1975 o AT; aqui entre nós Ed. Loyola, SP, 1987 o NT, esperando-se para breve o AT), em Nota a Mt 16, 18: "A tradição católica aduz este texto para fundamentar a doutrina segundo a qual os sucessores de Pedro herdaram o seu primado. A tradição ortodoxa opina que, em suas dioceses, todos os bispos que confessam a verdadeira fé integram-se na sucessão de Pedro e dos demais apóstolos. Por sua vez, os exegetas protestantes, embora reconheçam a posição e a função privilegiada de Pedro nas origens da Igreja, estimam que Jesus só tem em vista, aqui, a pessoa de Pedro".

(25) Dois exemplos recentes dessa atuação a nível mundial, de quem se sente responsável pelo rebanho do mundo: na guerra do Golfo, em janeiro p.p., João Paulo II foi a voz impertérrita, insistente, de certo modo solitária, em favor do bom senso e da paz; e agora, a 1ª de maio, na comemoração do centenário da "Rérum Novórum", a "Centésimus Annus" é novamente a voz que analisa com sabedoria o cenário do planeta neste final de milênio, voz de pastor universal que aponta caminhos de esperança.

Endereço do autor: — ITESC — caixa postal 5041 — 88041 FLORIANÓPOLIS, SC

JOÃO PAULO II NO BRASIL: TENTATIVA DE SÍNTESE

Artigo publicado originalmente na REB de setembro de 1980

+ Pe. Paulo Bratti

1º Diretor do ITESC, falecido em 1982

Nota de Redação:

Pensando em fazer a memória da primeira visita de João Paulo II ao nosso País em 1980, como preparação para a segunda visita, que ocorrerá em outubro deste ano, deparamo-nos com um artigo do nosso pranteado Pe. Paulo Bratti, primeiro Diretor do ITESC, falecido prematuramente a 15.5.1982. Reproduzimos o artigo literalmente, tal como foi publicado na REB de setembro de 1980 (fasc. 159, pp. 416-424). De resto, valeria a pena compulsar todo esse núme-

ro especial esplêndido, da nossa REB, com depoimentos e análises de, além de Paulo Bratti, Leonardo (três artigos!) e Clodovis Boff, J. B. Libânio, H. C. de Lima Vaz, L. A. Gomes de Souza, Pedro A. R. de Oliveira, H. Lepargneur, E. Hoornaert, M^o Clara L. Bingemer, T. de Athayde (duas crônicas), A. de Godoy Sobrinho (protestante), M^o C. de Freitas, Roldão Costa, D. Moacyr Grecchi, João Xerri. Chama a atenção o tom entusiasticamente positivo dos depoimentos, sintetizados pela última frase do Editorial assinado

por Leonardo Boff: "A REB bem como todos os brasileiros somos agradecidos ao Pastor e Irmão maior de nossa fé e esperança..." (REB, fasc. cit., p.400)

Passadas a euforia e as emoções da visita pastoral do Papa ao Brasil, é bom fazer um inventário deste evento que atingiu e mobilizou milhões de brasileiros. Já apareceram inúmeras análises de sociólogos, políticos e jornalistas. Embora interessantes, elas são sempre parciais.

No presente trabalho, também incompleto, tentarei expor objetivamente, às vezes comentando, o que o Papa falou à Igreja e à sociedade. Não cito sempre suas palavras, mas procuro manter-me fiel a seu pensamento. Num primeiro momento, porém, apresento um perfil do Pontífice que nos visitou, elencando também algumas convicções que o habitam, mesmo se não foram sempre explicitadas oralmente.

1. Um homem-mensagem

Além de ser um homem de mensagem, João Paulo II é um "homem-mensagem" por aquilo que é e faz e pelos valores que testemunha.

1.1 *João de Deus*. Esse é, sem dúvida, o aspecto que mais chama a atenção na figura do Papa: ele é um autêntico "espíritual", um homem de Deus. Mesmo após horas a fio em contato com a multidão, falando ou celebrando, mostrava-se sempre com ar sereno e repousado, completamente senhor de si. Ostentava constante alegria e bom humor, frutos por excelência do espírito. Sua cabeça inclinada dá a entender que ele é um homem inteiramente subjugado pelo Cristo, cujo peso é suave e cujo jugo é leve. Trata-se, em outros termos, de um místico, de alguém que galgou o monte da contemplação e da beatitude e se entretém familiarmente com o Senhor. Não é em vão que sua tese de doutoramento em Teologia versou sobre "a fé em São João da Cruz", o doutor místico por excelência.

1.2 *João é nosso irmão*. Quem se torna uma "viva chama de amor" pela "união transformante" com Deus, torna-se também profundamente humano. A verdadeira mística diviniza o homem e, por conseguinte, o humaniza ao máximo. Isso ocorre também com Karol Wojtyła. É um homem extremamente sensível, cordial, afetuoso, prenhe de benignidade, de bondade e de ternura. Por essa razão ele é fascinante. Todos o sentem irmão. Um "irmão universal", como Charles de Foucauld. O Santo Padre é um amigo e um defensor do homem, de cada homem, de sua dignidade e de seus direitos. Como Jesus, ele sabe o que vai no homem. Por isso fala uma linguagem que vai direto ao coração.

1.3 *O Papa é nosso Rei*. Se o povo o aclamou assim é porque viu nele alguém aceito por todos, capaz de a todos congregar numa só família. Os fatos vieram confirmar aquilo que a fé nos assegura: o Papa é o fundamento visível da unidade dos fiéis católicos. E, aqui no Brasil pelo menos, um ponto convergente de união de todos os homens de boa vontade. "O Papa não tem oposição" sentenciou um eminente líder oposicionista. Sua presença e sua mensagem vieram nos recordar que, para além de nossas divergências políticas, ideológicas ou culturais, somos um só "adão", forjados do mesmo barro, filhos do mesmo Pai e destinados à mesma meta que é a vida eterna.

João Paulo II veio devolver-nos o apetite pela verdade.

1.4 Nosso Papa crê na *força da verdade*. Ele sabe que só a verdade nos torna livres. Uma verdade total, abrangente, católica. Seu linguajar é claro, direto, absolutamente sincero. Ele dá o exemplo de uma fidelidade plena à Revelação Divina. Não sacrifica nada do "depósito da fé" para granjear popularidade ou agradar aos ouvintes. Ele tem, inclusive, a coragem profética de remar contra a corrente, quando necessário. "A grande tentação do homem moderno é a de cansar-se da verdade que temos a ventura de possuir", afirmou Paulo VI, com acerto. João Paulo II veio devolver-nos o apetite pela verdade. Mas de uma verdade que também é vida. O verdadeiro apóstolo não é alguém que possui verdades, mas alguém possuído pela verdade. Observou-se justamente que Wojtyła torna "a verdade amável", tal a suavidade com que a comunica.

1.5 Percebe-se facilmente que João Paulo II é um *homem livre*. Feito livre pelo Evangelho. Ele não tem o espírito apaixonado, não está preso a meias-verdades, como ocorre com a imensa maioria dos homens. Em outras palavras: ele não é servo de nenhuma ideologia. A ideologia é a fixação num aspecto da realidade e, portanto, um fechamento perante o todo da verdade. Se os discursos do Santo Padre agradaram tanto ao governo como às oposições, tanto aos progressistas quanto aos moderados e conservadores da Igreja, não é porque foram indefinidos, mas porque abordaram a realidade em sua globalidade.

1.6 João Paulo II crê nas *mediações*. Na mediação de Maria — tão venerada por ele — na mediação da Igreja, do ministério hierárquico. E também na mediação do "sagrado". Ele vê a ambigüidade do processo de secularização que leva o homem a perder a sensibilidade para os valores religiosos. Ele se aflige ao constatar que até padres e freiras se deixam contaminar pela onda de dessacralização e cessam de ser sinais visíveis do invisível. O Papa crê que o caminho de acesso ou de regresso a Deus passa pela redescoberta do religioso e do sagrado. Ele intuiu que suas viagens apostólicas pelo mundo são uma ocasião propícia para despertar no homem moderno, dissipado e distraído, a nostalgia de Deus. É para Ele que nosso coração foi criado.

1.7 Sua Santidade valoriza o *Catolicismo sociológico*. Ele retoma, sem mencionar, a tese de J. Daniélou de que o Cristianismo é uma religião de massa, não de uma elite. Sempre haverá alguns cristãos heróicos que atravessam a "noite escura" da fé e que, então, poderão dispensar as mediações religiosas, pois o Senhor se torna para eles um "Deus sensível ao coração" (Pascal). Mas a grande maioria sempre precisará de manifestações sensíveis para a sua fé, que só poderá subsistir se tiver um apoio sociológico. A Evangelização, por isso, compreende três tempos: 1) converter os indivíduos; 2) implantar a Igreja como instituição; 3) atuar sobre a cultura. Somente quando houver esse enraizamento cultural da fé poderá existir um povo cristão. O exemplo da Polônia revela que, apesar de suas deficiências, esse Catolicismo popular tem um alcance imenso para a sobrevivência de uma nação.

2. A mensagem para a Igreja

Paulo VI na encíclica "Ecclésiám Súam" afirmou que o Concílio tinha a tríplice tarefa de levar a Igreja a: 1) tomar consciência de si; 2) renovar-se; 3) dialogar com o mundo. Parece que na época pós-conciliar foram privilegiadas as duas últimas tarefas (renovação e diálogo), havendo, como conseqüência, uma certa perda da identidade eclesial. Às vezes não reina muita clareza sobre a missão verdadeira da Igreja. Ademais, as perguntas fundamentais se supõem respondidas e muitas vezes não foram ainda feitas. Por exemplo: Que é ser cristão? Em que consiste crer? Qual a essência do Cristianismo? É bom, por isso, que o Papa venha nos lembrar os dados essenciais da originalidade cristã.

Em que consiste crer? Qual a essência do Cristianismo?

2.1 O *primado de Cristo* é um tema caro ao Pontífice atual. Todos na Igreja — a começar com o sucessor de Pedro — vivem na dependência do Senhor Ressuscitado. A Igreja, com seus ministérios diversificados, é um sacramento e um instrumento através do qual Cristo age. Fiel à Escritura e à Tradição, João Paulo II enumera as diversas formas de presença de Cristo no mundo. Ele está presente no pobre, mas também em cada homem; está presente na palavra bíblica, na comunidade eclesial, na hierarquia, nos Sacramentos, mormente na Eucaristia, ápice e fonte da ação pastoral. Paulo e João revelam que o Mistério cristão consiste essencialmente em nossa inserção em Cristo, como os membros num corpo ou como os ramos na videira. A vida cristã não consiste somente em imitar a práxis de Jesus histórico, mas sobretudo em viver uma vida nova "em Cristo Jesus".

2.2 A *Eclesiologia de Wojtyła* é a do Vaticano II. Para ele a verdade sobre a Igreja — juntamente com a verdade sobre o Cristo e sobre o homem — constitui o conteúdo essencial da Evangelização. Dócil ao Concílio, o Papa não quer reducionismos, nem confusões. Ele sublinha a *distinção* de funções. Uma, por exemplo, é a função do padre, outra a do leigo. Também a missão da Igreja é distinta da do Estado. É reafirmada a autonomia da ordem temporal. Essas distinções — que não significam separação — são muito importantes para que não se recaia em erros medievais, que hoje aparecem como teses "progressistas", como a teocracia que confunde o Reino de Deus com um sistema político ou o clericalismo em que o clero tira a liberdade dos fiéis, impondo uma opção partidária.

2.3 Os *Bispos*, no pensamento papal, deverão ser, antes de tudo, "mestres da verdade". Pede-se a eles o exercício do discernimento evangélico para poderem anunciar autenticamente a fé apostólica e denunciar as suas distorções. Eles foram encorajados em seu testemunho de pobreza e de simplicidade e exortados a permanecer sempre próximos do povo, máxime dos pobres e marginalizados. Em suas Dioceses serão os grandes liturgos e "mestres da oração". Foi destacada a importância da CNBB, como organismo de comunhão e participação. Faz-se mister cultivar a colegialidade, unindo-se na mesma fé e respeitando-se as legítimas diferenças. As necessárias intervenções sobre problemas temporais hão de ser objetivas e oportunas e

só terão credibilidade se acompanhadas por um igual empenho pela salvação sobrenatural. A unidade entre os bispos significa, outrossim, união com o Chefe do Colégio Apostólico e com as Congregações Romanas.

2.4 Os *Sacerdotes* são escolhidos, consagrados e enviados para agir "in persona Christi". Não se devem deixar envolver pelo ambiente secularizado, sendo "diferentes", postos à parte para o Evangelho. Não são simplesmente "homens-para-os-outros" — o que todo cristão deverá ser — mas também "homens-para-Deus". Sua missão não é de natureza filantrópica, como a do médico, do assistente social ou do sindicalista, mas eminentemente *de ordem espiritual*. Sua tarefa é a de levar as pessoas a se abrir para o Pai e a amá-lo sobre todas as coisas. Com toda pessoa sensata, o Santo Padre sabe que existem entre nós graves problemas de fome e de injustiça. Mas o Papa também sabe — e alguns cristãos se esquecem — que, além da miséria temporal, há uma miséria espiritual que é o fato de os homens viverem prisioneiros do Maligno ou das forças do mal. É na libertação desse cativo moral que o padre há de se empenhar. Para isso ele é ordenado. Contudo não está dito que a libertação sócio-econômica careça de importância. Apenas se demarcaram as competências específicas.

O Santo Padre sabe que existem entre nós graves problemas de fome e de injustiça.

2.5 Os *Religiosos* foram e continuam sendo uma presença de vital importância na Igreja do Brasil. Diversamente de certos historiadores recentes da Igreja, João Paulo II enalteceu inúmeras vezes o trabalho pioneiro de nossos missionários do passado. Foi graças a eles que a fé católica chegou até nós. Quem entra na vida religiosa terá por objetivo primeiro a busca da santidade e só pretenderá uma coisa: o serviço do Senhor. Os religiosos serão, portanto, testemunhas do absoluto de Deus, diante do qual o resto, mesmo os mais importantes empenhos temporais, se tornam visceralmente relativos. Por isso a renovação da vida religiosa não consistirá na busca do mais cômodo e mais fácil, mas na escolha daquilo que mais ajude à consecução da santidade. O Santo Padre adverte que mesmo nas pequenas comunidades será necessário um mínimo de regras e de estrutura, já que a vida consagrada tem uma dimensão pública e comunitária, sendo sempre um sinal visível da Igreja. Mesmo devendo se ocupar com atividades pastorais, os religiosos deverão ter tempo e ambiente para fazer uma romaria ao próprio coração e se retemperar com Deus.

2.6 O Papa atribuiu grande importância à *formação*, tanto para o Sacerdócio como para a vida consagrada. Dela depende em definitivo o futuro da Igreja. O trabalho vocacional foi apontado como prioritário, pois é evidente a carência de operários evangélicos no Brasil. O Santo Padre deseja uma sólida formação espiritual, doutrinária e pastoral. Essa formação ou se fará nos Seminários ou não se fará mais. Ela não pode ser abandonada à improvisação. Daí a necessidade de mestres e orientadores preparados. Sua missão é hoje difícil, mas é a mais maravilhosa possível. Após o Concílio houve necessidade de atualizar e renovar

os métodos de formação. João Paulo II pensa que chegou a hora de uma revisão honesta para ver o que houve de positivo e corrigir o que, eventualmente, foi negativo.

2.7 Na esteira do Vaticano II, o Sumo Pontífice afirma ser característica dos *leigos* a secularidade, isto é: a animação cristã da ordem temporal. E se os Bispos e Padres, porque ministros da unidade, deverão se despojar de qualquer ideologia político-partidária, cabe aos leigos, pelo contrário, engajar-se em partidos e/ou associações de classe e lutar pelas reformas das estruturas sociais. Mesmo assim, são também chamados à santidade. O Papa mostrou-se particularmente sensível ao mundo dos *jovens* num país onde mais da metade da população tem menos de 25 anos. A indignação deles contra as desigualdades é justa, como é justo seu desejo de transformar a sociedade. Mas o jovem cessa de ser jovem e de ser cristão quando se deixa seduzir por doutrinas e ideologias que pregam o ódio e a violência. Só o amor constrói! O jovem também envelhece prematuramente quando se deixa dominar pela ganância do "ter" e pela exacerbação do sexo, características da sociedade de consumo. Importa, por isso, edificar sobre o único fundamento sólido que é Cristo Jesus. Particular atenção se dará igualmente à *família*, base insubstituível da civilização do amor. Pesam sobre ela ameaças de ordem social, moral, civil e religiosa. É urgente articular uma Pastoral Familiar que, entre outras coisas, promova uma séria, ampla e profunda educação para o verdadeiro amor.

O Papa mostrou-se particularmente sensível ao mundo dos jovens.

2.8 Na sua pregação à Igreja do Brasil o Papa insistiu na *primazia do espiritual*. Dir-se-ia que ele veio restaurar o primeiro mandamento que andava um pouco esquecido por causa da gravidade do problema econômico. João Paulo II concorda com João XXIII que afirmou ser "o homem separado de Deus perigoso para si e para os outros". Ele almeja uma Igreja presente e atuante, mas que não perca seu caráter religioso. Daí os apelos aos Padres e Bispos para que se comportem e falem sempre como ministros de Cristo e não como líderes políticos. Somente assim se salvaguardará a transcendência da mensagem. O Santo Padre quer a Igreja acima dos grupos e classes para poder evangelizar o político em toda a sua amplitude. Nota-se em seus discursos uma constante preocupação para que a Igreja não se politize. A politização existe sempre que se faz da política um absoluto ao qual tudo deve se subordinar ou quando se empresta à luta política um caráter messiânico, esperando dela uma salvação total.

Ora, a política, hoje mais do que nunca, aparece como um campo privilegiado para o exercício da caridade, mas ela não pode ser absolutizada. Por isso o cristão não deverá se identificar totalmente com seu projeto político, julgando tudo a partir dele. Essa relativização impedirá a política de cair na autojustificação e no dogmatismo intolerante. O que há de mais essencial no homem, que é seu desejo insaciável e sua ânsia de infinito, não encontra resposta na práxis política. João Paulo II prestou um grande serviço ao nos lembrar que só Deus plenifica o homem e que, sem comunhão com o Senhor, o homem continuará sendo

sempre um estranho para si mesmo e um escravo em qualquer sistema.

3. Mensagem à Sociedade

Se o Papa usou um linguajar rigoroso e exigente para a comunidade eclesial, não foi com o fito de retirá-la do campo e marginalizá-la da história, mas para fortificá-la em sua identidade própria e, assim, melhor poder servir ao mundo ao qual é enviada. A Igreja tem uma mensagem social que vem dos Profetas e que tem no Bispo de Roma seu porta-voz mais qualificado. Nessa condição o Santo Padre falou à consciência nacional sobre os sérios problemas que nos afligem. Seu discurso aqui vem confirmar e corroborar os últimos pronunciamentos de nosso Episcopado.

A Igreja tem uma mensagem social que vem dos Profetas.

3.1 João Paulo II está perfeitamente a par da situação de *pecado social* em que vivemos, com os contrastes cruéis existentes entre o luxo e a miséria. Ele falou do drama dos índios desalojados das próprias terras, dos camponeses e migrantes sem um chão para morar e dos habitantes das periferias das grandes cidades que vivem em barracos, em condições de vida subumana. Tudo isso não é fruto do acaso ou da necessidade, mas de um sistema econômico exclusivista, depravado por um materialismo crasso. Sua Santidade asseverou mesmo que, muitas vezes, o desenvolvimento se torna uma versão gigantesca da parábola do rico avarento e do pobre Lázaro.

3.2 No pensamento pontifício, uma sociedade injusta que não procura eliminar o abismo existente entre ricos e pobres é uma *sociedade sem futuro*. A situação de injustiça institucionalizada ameaça a sociedade de dentro para fora, do mesmo modo que os atentados à sua soberania a ameaçam de fora para dentro. O Brasil se encontra, então, diante de uma alternativa dramática: ou realiza uma transformação de suas estruturas por via pacífica, ou tal transformação se operará por meios violentos e sangrentos. O Papa alimenta, contudo, a esperança de que poderemos construir um convívio social exemplar superando desequilíbrios e desigualdades, na justiça e na concórdia, com lucidez e coragem, sem choques nem rupturas.

3.3 Também em terras brasileiras João Paulo II se fez advogado dos *direitos humanos*: direito à vida, à segurança, ao trabalho, à moradia, à saúde, à educação, à expressão religiosa privada e pública, à participação etc. Assinalou, outrossim, o direito dos pais a terem os filhos que desejarem e o direito do nascituro à vida. Os trabalhadores têm o direito de se reunir em associações livres para defender seus interesses. Devem também participar dos lucros e da gestão da empresa em que trabalham. Aos intelectuais brasileiros foi dito que a liberdade é essencial para a existência e o desenvolvimento da cultura e que, portanto, nesse terreno é inadmissível a coerção do poder político ou econômico.

3.4 O Papa incitou a todos a empreender a nobre luta pela instauração da justiça social. Reiteradamente, porém, ele se opôs de forma resoluta à *ideologia marxista*. Por dois motivos. Antes de tudo, porque para resolver o proble-

ma social propõe o método antievangélico da violência armada e acirra o ódio, o ressentimento e a luta de classes. Em segundo lugar, porque o fim a que leva não é o paraíso terrestre da sociedade sem classes, mas o capitalismo do Estado num regime totalitário em que se criam novas classes. João Paulo II confidenciou a bispos que o comunismo é inaceitável porque é um sistema que suprime a liberdade e o amor, por isso incapaz de implantar a verdadeira justiça. Ele advertiu ainda ao CELAM que não é admissível uma libertação que recorre à práxis e à análise marxista. Certamente essa advertência, já efetuada em Puebla, visa sobretudo alguns corifeus da Teologia da Libertação que pretendem exatamente elaborar uma Teologia a partir de uma práxis e têm privilegiado a análise marxista como mediação sócio-analítica.

A Doutrina Social da Igreja está sendo novamente valorizada.

3.5 Foi enfatizada a relevância da *Doutrina Social da Igreja*, não como uma terceira via ou uma ideologia alternativa, distinta tanto do capitalismo como do comunismo. De fato, a Igreja não tem um modelo político e econômico pronto para propor. Todavia, como educadora das consciências, ela oferece um corpo de princípios capazes de iluminar as pessoas engajadas em construir um mundo mais fraterno. Após um período de certo descrédito, a Doutrina Social da Igreja está sendo novamente valorizada. Com inspiração em seus ensinamentos poderão realizar-se profundas mudanças estruturais na sociedade, sem que isso signifique um "retorno cíclico das mesmas opressões". O Santo Padre lembrou alguns de seus postulados: a noção do bem comum; a hipoteca social que pesa sobre a propriedade particular; a igualdade de todos perante os bens necessários à existência; o respeito à dignidade de cada pessoa; a condenação do economismo e a exigência de uma economia a serviço do homem.

3.6 Foi ratificada a *opção preferencial da Igreja pelos pobres*. Isso implica, entre outras coisas, que seja reconhecida a dignidade humana dos pobres e que eles mesmo não percam tal dignidade. Para tanto, as vítimas da pobreza deverão rejeitar a mentalidade fatalista que atribui sua sorte à vontade divina. Deus não quer a miséria de ninguém! Daí a necessidade de se empenhar pela libertação desse estado subumano. A Igreja dos pobres interpela também os ricos e abastados e os exorta a não se fecharem em

seu pequeno mundo. Quem se instala na "riqueza da iniquidade" e não se abre a Deus e aos irmãos será excluído do Reino e ouvirá os "ais" ameaçadores do Sermão da Montanha. Mas quem tem posses e está disposto a partilhar, também possui espírito de pobre e é herdeiro das bem-aventuranças. Não há mal na posse, mas no abuso e na concentração da mesma. O ideal é que todos tenham acesso à posse, pois ela possibilita um espaço indispensável para a realização da liberdade pessoal. Segundo o Papa, a Igreja dos pobres não é a Igreja de uma casta ou de uma classe. Ela não quer provocar explosões entre os homens, não quer ser instrumentalizada, nem quer servir a fins imediatamente políticos ou às lutas pelo poder. Ela combate pela justiça e pela verdade com a "espada da palavra" que encoraja, mas também admoesta e denuncia.

A Igreja dos pobres não é a Igreja de uma casta ou de uma classe.

3.7 Vê-se que o Romano Pontífice não prega uma religião-ópio-do-povo. O seu projeto é o de um *Cristianismo integral*, por isso encarnado em todas as dimensões da vida, pessoal e espiritual, social e política. Se João Paulo II recusa a violência e a revolução, ele rejeita igualmente a inércia e o imobilismo e pede reformas urgentes e profundas para pôr fim às desigualdades absurdas em que vivemos. Situação absolutamente inaceitável num país cristão e católico. Oxalá sua mensagem profética seja escutada e posta em prática por todos os brasileiros!

NOTA:

Ainda da citada REB de setembro de 1980, vale a pena transcrever o parágrafo inicial de uma das três contribuições de Leonardo Boff, então redator da revista, nesse número. Com o título "*A Visita do Papa: O Saldo*", assim se expressava o teólogo franciscano: "Num ponto vigora consenso unânime: o maior saldo da visita do Papa ao Brasil é o próprio Papa. Nele a personalidade é mais importante do que sua própria mensagem. Sua profunda religiosidade, sua cristalina humanidade, sua calorosa cordialidade, sua fome e sede de justiça social particularmente pelos empobrecidos alimentarão a memória coletiva de nossa geração como um permanente marco de referência. Parafrazeando o poeta Pablo Neruda, vale dizer: foi memorável e ao mesmo tempo dilacerador para o Papa ter encarnado para a maioria dos brasileiros, durante doze dias, a esperança. Apesar de todas as contradições do momento, jamais foi tão verdadeira, quanto agora, a consigna: o Brasil é um país de esperança. Por causa de João Paulo II" (Cf. REB 1980, fasc. 3/159, p. 425).

Redemptoris Missio: Uma Encíclica Programática

Pe. Severiano Crimella PIME
Professor de Teologia da Fé

“À distância de 25 anos da conclusão do Concílio e da publicação do Decreto sobre a atividade missionária *ad gentes* e a 15 anos da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI”, João Paulo II relança a primeira evangelização dos não-cristãos e chama a Igreja para um renovado impulso missionário.

A missão *ad gentes*, antes do Concílio, era considerada

periférica à vida da Igreja, reservada só a um pequeno grupo de "especialistas": os missionários. O Concílio subverteu esta colocação, inserindo a atividade missionária no coração da vida eclesial: "A Igreja peregrina é por sua natureza missionária" (AG 2).

Para ler na óptica certa esta carta-encíclica é preciso evitar dois modos errados: procurar nela novidades de solu-